JEQUITIBÁ – MG

Cidade mineira localizada na região central da Zona Metalúrgica de Minas Gerais tem seu nome relacionado a uma espécie vegetal denominada Jequitibá. Seu nome científico é **Cariniana estreclensis** da família **lecythidaceae**. Tem como nome popular **Jequitibá branco**... Possui altura média de 35 a 45 m. Suas folhas são simples de 6 a 12 cm, quando chega a primavera passa a ter um tom avermelhado. As folhas são claras, o fruto é duro, 10 cm, solta a tampa inferior cor marrom claro. Pertence a mata atlântica pela qualidade da madeira e também pelo seu porte. Sua madeira sempre foi muito procurada.

BREVE HISTÓRICO

O município de Jequitibá surgiu na rota dos bandeirantes por **volta de 1670**, sendo este um dos 10 primeiros municípios mineiros fundados nesta época por **Borba Gato**.

Jequitibá pertencia ao município de Sabará, porém em 1869 foi incorporada ao município de Sete Lagoas. Em 1948 teve sua emancipação e a instalação aconteceu no dia 1º de janeiro de 1949. É composta de 21 povoados e um distrito chamado Dr. Campolina (ex- Lagoa Trindade), uma comunidade negra que se destaca por ter sido um quilombo.

A capital de Minas quase foi transferida de Ouro Preto para Jequitibá, em 1867. O deputado Agostinho Francisco de Souza Paraíso conseguiu aprovar na Assembléia Legislativa da província uma lei transferindo a capital de Ouro Preto para Jequitibá. O presidente da província na época, José da costa Machado de Souza vetou a lei, alegando precariedade do Tesouro Estadual e dificuldades que a mudança acarretaria. Voltando a apreciação do Legislativo o veto foi recusado por 17 votos contra 16. Já numa terceira reunião o veto é mantido e Jequitibá perde um dos maiores sonhos que uma cidade mineira poderia ter.

A população é composta de aproximadamente 68% na área rural e de 32% na área urbana. Conforme dados do Censo de 2000. Jequitibá é reconhecida como a Capital Mineira do Folclore, com forte potencial turístico, cultural, religioso, rural e ecoturístico, reserva aos turistas que por aqui passam, surpresas agradáveis. Livre da poluição com uma extraordinária beleza natural, a cidade passa a ser uma opção para quem busca descanso, lazer e qualidade de vida.

Várias opções de entretenimento são oferecidas aos adeptos da natureza, ciclismo, mountainbike, trekking e cavalgadas pelas trilhas que percorrem os vários povoados e comunidades do município.

Nas comunidades rurais e na sede do município encontram-se trabalhos artesanais, em barro, bambu, madeira, bucha vegetal, bordados, pinturas em tecido e quadros, entre outros. Quanto à gastronomia, já foram alvo da reportagem da TV Globo, programa Terra de Minas, com o prato cansanção com frango caipira, doces, licores, queijos e seus derivados são outros produtos artesanais, assim como, a água ardente (cachaça), sendo a mais famosa da região a Cachaça Isaura, sendo que esta foi a primeira a receber o certificado para exportação.

O município se sobressai nas atividades de agropecuária e hortifrutigranjeiros.

ACESSO : Rodovias de acesso = BR 040, MG 238,

LOCALIZAÇÃO

A pequena cidade está situada na região central, zona metalúrgica. Possui uma área de 446.62 km2, correspondendo 5,4% da superfície total da microrregião. Tem como limítrofes os municípios de Santana de Pirapama, Cordisburgo, Araçaí, Funilândia, Baldim e Sete Lagoas.

As distâncias aproximadas dos principais centros são:

Belo Horizonte ..... 110 km
Sete Lagoas ..... 34 km
Rio de Janeiro ..... 535 km
São Paulo ..... 691 km
Brasília ..... 705 km
Vitória ..... 645 km

A sede do município fica a 720 m de altitude (**Igreja do Santíssimo Sacramento**) e tem sua posição determinada pelas coordenadas geográficas de 19º 14’ 07” de latiude sul e 44º 01’ 41” de longitude oeste.

Na cidade não possui rodoviária, mas existem 2 linhas de ônibus que atendem aos usuários com horários diferenciados durante todo o dia.

POPULAÇÃO

A população é composta de aproximadamente 68% na área rural e de 32% na área urbana. Conforme dados do Censo de 2000, temos a informar:

Área Rural 3532
Área Urbana 1634
Total ..... 5166 habitantes

RELEVO

70% de suas formas de relevo é ondulado 15% de pequenas elevações e 15 % de planícies.

VEGETAÇÃO

A vegetação nativa foi muito devastada dando origem a pastos, pequenos cerrados, e poucas matas ciliares

CLIMA

A temperatura média anual é de 20,9º C, atingindo a máxima de 28,2ºC e a mínima de 15,9ºC. A pluviosidade média anual é de 1328,7mm.

HIDROGRAFIA DO MUNICÍPIO

Geomorfologicamente, Jequitibá está inserido na depressão periférica do Rio São Francisco, sendo o Velhas o principal rio do município. Possui uma hidrografia muito rica e complexa, sendo que os principais são: Córrego da Lapa, Córrego das Perobas, Córrego Riachão, Córrego do Onça, Córrego da Serra, Córrego do Calabouço, Córrego Aguada, Córrego Taquaral, Córrego Vargem Formosa, Córrego Raiz, Córrego Patrimônio, Córrego Pindaíbas, Córrego Tronqueiras, Córrego do Baú e Rio das Velhas.

CURIOSIDADE

A região é procurada por ufólogos devido a notícias de aparecimento de objetos não identificados.

HISTÓRICOS DOS POVOADOS DE JEQUITIBÁ

HISTÓRICO DO POVOADO DE DR. CAMPOLINA

Data da Entrevista: **13/05/2004**
Entrevistado: **José Leal Pereira**
Entrevistadora: **Nair Perazoli**

O Povoado de Dr. Campolina foi fundado em 1800 por Dona Inhá, Luizinha e Inhô Luiz, tio José Grande, tio Ivo, João Soares, Antônio Gonçalves, Benedito Pinto, Pedro Paulinho Sebastião Lizeu, etc. O Povoado antes chamava-se Lagoa da Trindade. Esse nome se deu porque no local havia, de um lado a Fazenda das Tronqueiras e Fazenda dos Poções e do outro lado do Rio das Velhas havia também uma Fazenda (não se sabe o nome desta), uma Igrejinha da Santíssima Trindade e um cemitério onde se enterravam o pessoal das fazendas e vizinhanças. Próximo dali tinha o Porto da Trindade que era o trânsito das pessoas de uma fazenda à outra, através do Rio das Velhas.

Na Fazenda da Santíssima Trindade moravam negros que trabalhavam, plantavam, faziam rapadura, cachaça e açúcar, etc. Com a Abolição da Escravatura os negros das fazendas foram libertos. Alguns ganharam pedaços de terra para trabalhar e morar. Dona Luizinha, por ser dona da sesmaria doou pedaços de terras para algumas famílias de escravos que fizeram alguns casebres. Com o tempo o Povoado foi crescendo.

A origem do nome "Lagoa da Trindade" se deu da seguinte forma: Havia no meio do Cerrado uma lagoa perto do Porto da Trindade, da Fazenda e da Igrejinha da Santíssima Trindade . O nome Lagoa da Trindade surgiu porque os próprios moradores que moravam do lado oposto do, ao atravessar o Porto da Trindade diziam: "Estou indo para a Lagoa da Trindade".

Nos anos 70, mudou-se o nome "Lagoa da Trindade", para "Dr. Campolina" . Sua principal fonte de renda é a agricultura. Destacam-se as festas de Nossa Senhora do Rosário, de Nossa Senhora da Conceição, de Santo Antônio e de São Sebastião. Como grupos folclóricos conta com Folia de Reis, Folia do Divino, Dança na Vara, Pastorinhas e Congado, sob a direção do Sr. José Leal Pereira, Sr. Domingos Elias Lopes e Sr. João Gilberto Soares, que são os principais caracterizadores do folclore do Distrito.

HISTÓRICO DO POVOADO DE BEBEDOURO

Data da Entrevista: **12/05/2004**
Entrevistados: **Maria Rodrigues Maciel e Osvaldo Rodrigues Maciel**
Entrevistadora**: Maria Piedade da Silva**

De acordo com a Senhora Maria Rodrigues Maciel e o Senhor Osvaldo Rodrigues Maciel o povoado de Bebedouro foi fundado no século XVIII pela "Sá Joana e Sr. Manuel", e não há documentos que comprove. Os relatores não sabem com certeza sobre o surgimento do povoado, só sabem que a região era habitada por escravos, os mesmos eram descendentes de escravos, pois seu bisavô recebeu alforria aos doze anos de idade.

Como não há registro comprovando a veracidade da história de Bebedouro. Algumas pessoas dizem que antigamente o povoado era denominado Lagoa dos Patos por ser habitat natural dessa ave anatídea doméstica. Também existem mais duas versões do nome Bebedouro. No antigo Muquém, ainda existente, mas pouco povoado, os donos dos animais soltavam-nos para o campo e os mesmos desciam para beber água na lagoa existente nas terras da família Fillizzola, hoje tendo como proprietário o Senhor Fernando Liboreiro. Quando alguém perguntava pelo animal que estava desaparecido eles diziam que estavam no Bebedouro.A outra versão é que seus moradores consumiam grande quantidade de aguardente, em relação a esta versão nada mudou, ainda se consomem demasiadamente a cachaça, sendo Bebedouro o Povoado que mais consome cachaça no município de Jequitibá.

Atualmente a fonte de renda do município é a agricultura do quiabo, milho, abóbora e feijão que são comercializados no CEASA-MG. As festas promovidas na região são a do Divino e de Nossa Senhora do Rosário e o grupo folclórico existente é a Folia de Reis que tem como responsável o Senhor Geraldo Gonçalves Pinto (Timbó) que também é a pessoa que mais caracteriza o folclore do povoado, segundo os relatores. Já não existem mais no povoado o grupo folclórico das pastorinhas e o grupo da Encomendação das Almas. Vale narrar a lenda mais popular no povoado, que é a do "morcego que aparecia em época de festa na moita de bambu, hoje a Praça do Rosário, todos diziam não ter medo, mas sempre a meia noite quando os mais corajosos iam embora, o morcego aparecia no exato momento que alguém passava e começava a gritar, as pessoas olhavam para trás e não viam nada, de repente viam um vulto no chão e sentiam um soprinho na nuca, olhavam para cima e lá estava ele todo garboso. As pessoas corriam e mandavam pedras e essas eram arremessadas para trás. Era 0 morcego que as devolviam com suas enormes asas."
Bebedouro fica a 17 Km e se limita com Vera Cruz, Onça e Muquém.

HISTÓRICO DO POVOADO DE BREJINHO

Data da Entrevista: **10/05/2004**
Entrevistado: **Orzelino Ferreira**
Entrevistadora: **Elvâne Gláucia Seifert de Sousa**

Segundo o Sr. Orzelino Ferreira nascido em 1920 (84 anos), o nome Brejinho se deu logo após a chegada de três pessoas (Sra. Artina, Sra. Tieta e o Sr. Joaquim Alves), que resolveram sair de uma cidadezinha chamada Cascudo, a qual, hoje possui outro nome, que o Sr. Orzelino não soube informar.

Estes saíram sem destino. Após uma longa caminhada os três se depararam com uma fascinante paisagem que se encontrava um pouco úmida, daí estes deram o nome de Brejo (Brejinho), onde resolveram residir por ali através de seus meios de sobrevivência, isto no ano 1914. Após alguns anos vieram outros moradores, dos quais, o Sr. Inácio Martins, fundador da Igreja Santo Antonio. Foi implantado nessa época o grupo folclórico, Folia de Reis predominante até os dias de hoje, esta tendo como integrante o Sr. Orzelino Ferreira, permanecente nesse grupo até os dias atuais. Em 1924, o Sr. Aquiles Gonçalves fundou a escola que tem o seu nome. Esta teve como primeiro professor o Sr. Tonico Penna que residiu ali por dois anos, em seguida, a professora Edna, Maria Geralda, Edilma, Silvandina e atualmente a professora Fabíula Clara Gonçalves.

Atualmente os meios de sobrevivência das pessoas da localidade é razoável, pois estas vivem da agricultura. Brejinho hoje se expandiu perante a época, a comunidade contém um clube de dança, vestuário, campo de futebol, comércios, posto de saúde, igreja e escola, limitando-se com Vargem Bonita e Coqueiros.

HISTÓRICO DO POVOADO DE CAMPO ALEGRE

Data da Entrevista: **13/05/2004**
Entrevistada: **Conceição Pereira Antônio**
Entrevistadora: **Cristina de Cássia Henriques**

Segundo a Sra. Conceição Pereira Antônio (80 anos), o Povoado de Campo Alegre foi fundado aproximadamente em 1879 pelo Sr. Pacífico Pereira Alves e Sra. Divina Pereira Alves. A informante não sabe como se deu o surgimento do Povoado, sabe-se somente que este recebeu o nome Campo Alegre devido a região antigamente ser um campo com matas e árvores. Os responsáveis por este nome são Chico Vieira, Zefina Vieira e Vitalino Vieira. Atualmente a principal fonte de renda do Povoado é a pecuária e a agricultura.

No Povoado são promovidas as festas de nossa Senhora do Rosário, Santo Antônio e do Divino. Atualmente só há um grupo folclórico no Povoado, o da Guarda de Nossa Senhora do Rosário, cujos membros, são responsáveis pelas festas que acontecem na comunidade.

HISTÓRICO DO POVOADO DE COQUEIROS

Data da Entrevista: **11/05/2004**
Entrevistado: **Orzelino Ferreira**
Entrevistadora: Maria Lúcia Martins Figueiredo de Matos

Coqueiros está localizado a 16 km de seu município Jequitibá. Está situado ao lado de um córrego e o Rio das Velhas.

Antigamente chamava Coqueiros de Beira da Taboca. Os moradores residiam mais próximo do Rio das Velhas. Depois Antonio Leonilino Ferreira que foi uns dos fundadores de Coqueiros se instalou para outra área na qual onde é Coqueiro atualmente.

Em 1940, passou a chamar Coqueiros devido no local possuírem muitos pés de coco.

Conta-se que antes na beira do córrego havia uma casa simples e lá tinha uma estampa de São Sebastião. O senhor Camilo Gonçalves construiu essa casa e colocou a estampa de São Sebastião, porque na época houve uma guerra e algumas pessoas foram selecionada para participar. Então, o senhor Camilo fez uma prece a São Sebastião que todos que fossem que não fossem aprovado. Esse pessoal não foram aprovados. Uma senhora conhecida por Maria dos Anjos doou a imagem de São Sebastião, em agradecimento de seu marido José Martins Júnior ter voltado.

Em 1957, foi construída uma nova igreja, porém em outro local e foi fundada por José Martins Júnior. Atualmente a imagem de São Sebastião está exposto na igreja e São Sebastião ficou sendo o padroeiro da comunidade. As festas promovidas na comunidade são : a Festa de São Sebastião, de Nossa Senhora do Rosário e do Divino Espirito Santo. O grupo folclórico existente no povoado é a Folia de Reis que o povo comemora com sua tradição.

Os povoados vizinhos de Coqueiros são : Vera Cruz e Pindaíbas que ficam do outro lado do Rio da velhas e o Brejinho que está mais próximo.

Como Jequitibá se destaca nas áreas de agricultura e Pecuária exatamente estas são as fontes de renda do povoado de Coqueiros.

O pessoal conta algumas história de arrepiar o cabelo. Conta que em alguns locais viram acontecimento sobrenatural. Os moradores mais antigos falam que a beira do Rio das Velhas como residiam escravos, já foram encontrados alguns vestígios.

HISTÓRICO DO POVOADO DE GUARÁ

Data da Entrevista: 11/05/2004
Entrevistado: **José Luiz Eustáquio de Moura**
Carteira de Identidade: M- 7.923.843
Entrevistadora: Nádia Heloíza Carvalho da Silva Moreira.

Não se sabe ao certo a data de Fundação do Povoado de Guará. O entrevistado relata que foi por volta de 1900. O Fundador foi o Sr. Luís Gomes de Moura, que era tropeiro e passando pelo local a cavalo pensou em construir uma casa de comércio, denominada na época como "venda". Depois de algum tempo casou-se e foram chegando várias famílias que prestavam serviço para sua fazenda.

O Povoado recebeu este nome devido ao fato de ser uma mata fechada e haver muitos lobos guarás que urravam muito alto. A principal fonte de renda do Povoado é agricultura e pecuária. Pelo fato da comunidade ser pequena não promovem festas, pois as pessoas se locomovem para o Povoado vizinho, que é o Povoado da Onça. Antigamente existiam os grupos folclóricos, Batuqueiros e Encomendação das Almas. Os Povoados vizinhos são: Báu, Onça e São José dos Moreiras.

O Sr. José Luís conta o pavor que sua mãe passou quando moravam numa casinha de capim tão fraca e tão pequena que certa vez seu pai Lulu saiu, e a noite chegou. Deixou sua mãe e dois meninos pequenos em casa; dois garrotes ferraram luta no terreiro e foram chegando, chegando e sua mãe pedia a Deus um jeito deles pararem com aquilo. Ela então correu na cozinha, pegou uma panela cheia d'água no fogo, então ela ia atiçando a lenha e olhando a fúria dos garrotes, jogou a água fervendo e eles separaram.

HISTÓRICO DO POVOADO DE LAGOA DE SANTO ANTÔNIO

Data da Entrevista: 12/05/2004
Entrevistada: **Elza Maria Saturnino**
Identidade: M.14.470.189
Entrevistadora: Nislene Geralda Lopes Rodrigues

Nome do Povoado: Lagoa de Santo Antônio. Fundada por volta de 1800, teve como fundadores os Srs. João Lopes, Antônio Lopes Barroso, Ana Lopes dos Reis, famílias Lopes, Reis, Dias dos Anjos, Pereira, Rodrigues e Saturnino.

O Povoado antes tinha o nome de Lagoa dos Veados. No dia 13 de Junho de 1973, foi enterrado um veado simbolizando assim a mudança do nome da localidade. O nome

Lagoa de Santo Antônio é devido à religiosidade do povo e Santo Antônio ser o Padroeiro. O responsável por este nome foi o Sr. Virgolino Lopes e Amintas Lopes Barroso.

O Povoado surgiu com a Lagoa de Dentro, onde havia uma grande quantidade de veados. Conta a história que alguns veados iam beber água nesta Lagoa.

As principais fontes de renda de Lagoa de Antônio são a agricultura e pecuária. As festas são: Santos Reis, São Sebastião, Santo Antônio e Nossa Senhora do Rosário. Os grupos folclóricos existentes atualmente são as Folias de Santos Reis e São Sebastião e, os grupos extintos são As Pastorinhas, Folia de São Geraldo e do Divino Espírito Santo. O morador que caracteriza o folclore no Povoado é o mestre de folia o Sr. Bento Lopes Barroso. Lagoa de Santo Antônio tem como povoados vizinhos Dr. Campolina e Campo Alegre.

HISTÓRICO DO POVOADO DE MUCHILA

Data da Entrevista:11 /05/2004
Entrevistados: **Maria Elizabeth Cristelli** e **Joana Otília Cristelli**
Entrevistadora: Fabíula Clara Gonçalves de Matos

Os primeiros habitantes do povoado de Muchila foram os imigrantes vindo da Alemanha e Itália as famílias: Gilbert, Piffer, Seifert, Hergemann, Flister e Lupn que passaram a ocupar o povoado através da carta de doação. Esse território anteriormente era de um Conde Alemão que não possuía herdeiros, indo as terras para a união, sendo doada para as famílias mencionadas.

Muchila recebe esse nome porque os tropeiros que vinham de diferentes lugares que levavam suas mercadorias para a estação Cavalo de Almeida, eles, cansados devido a longa distância percorrida, desarreavam seus animais, retiravam suas mochilas e ali descansavam nas sombras das arvores á beira de um córrego de águas limpas e puras.

Muchila está localizado no município de Jequitibá, divisa com os municípios de Araçai, Funilândia e Cordisburgo. O povoado possui 1 escola chamada Helvécio Martins Figueiredo, atualmente não está funcionando por falta de alunos, devido a sua

localização. Na comunidade não há capela, nem grupos folclóricos , as pessoas que ali habitam freqüentam as festas na comunidade vizinha de Vagem Bonita.

As principais rendas da comunidade são agropecuária e agricultura. Os principais produtos comercializados são : gado de corte, milho, feijão. Atualmente algumas famílias se dedicam a piscicultura e a apicultura.

HISTÓRICO DO POVOADO DE OCO DO PAU

Data da Entrevista:12 /05/2004
Entrevistados: **Diva Falcão de Oliveira e Antônio Saturnino Lopes**
Entrevistadoras: Vanessa Machado Saturnino Souza
Mauriza da Conceição Barbosa Moreira
Claudete Machado Saturnino

Oco do Pau não é propriamente um Povoado, e sim um terreno, segundo os entrevistados, Sérgio Sader Dias, Renildo Antônio Barbosa e Antônio Saturnino Lopes. Os mesmos relataram que sua Fundação se deu mais ou menos há 100 anos, tendo como fundadores fazendeiros pertencentes à família de José Dias de Carvalho, conhecido na época por **"Juca Dias da Serra".**

A fazenda atualmente pertence à Cinésio Nery Dias e irmãos, descendentes da família citada acima. Acredita-se que o local foi batizado com o nome atual pelo fato da fazenda se localizar dentro de um buraco que aparenta um **"Oco de Pau".**

Essa fazenda sempre pertenceu à família de José Dias de Carvalho e foi passada de geração em geração. A fazenda possuía diversos agregados que por sua vez possuíam muitos filhos. Assim criou-se na fazenda da Serra, também pertencente à família do sr. José dias, a Escola Ercilha Barbosa para os filhos dos empregados estudarem.

Mais tarde essa Escola recebeu o nome de Escola Tertuliano Dias Barbosa. Atualmente os filhos dos moradores da Fazenda do Oco do Pau estudam no Povoado da Onça.

A principal fonte de renda da fazenda é o leite e do gado de corte. Seus empregados são assalariados e vivem dessa renda. Uns poucos cultivam em seus quintais hortas, para ajudar nas despesas da casa.
As festas promovidas são as festas religiosas e a pessoa que melhor caracteriza o folclore local é o Sr, Nelson.

HISTÓRICO DO POVOADO DA ONÇA

Data da entrevista: 11/05/2004
Entrevistado: **Horzelino José Machado Filho**
Carteira de Identidade: M-650.202
Entrevistadora: Nádia Heloíza Carvalho da Silva Moreira

Não se sabe ao certo a Data de Fundação do Povoado. O entrevistado relata que seu pai nasceu em 1902 neste Povoado.

Conta-se que os Fundadores foram escravos. Na fazenda do Sr. Alemão existem várias jabuticabeiras. Acredita-se que, na época dos escravos, estes ao se alimentarem da referida fruta depositavam suas fezes a céu aberto, por isso a proliferação dos pés de jabuticabas. Percebe-se também a existência de valas em vários terrenos da comunidade, (***sabe-se que na época estas valas eram feitas por mãos escravas a fim de demarcar os terrenos***). O motivo de o local ter recebido este nome foram as brigas que existiam em quase todas as festas que havia, ou seja, as pessoas eram bravas feito onças.

A principal fonte de renda do Povoado é a pecuária e agricultura, como base os produtos hortigranjeiros como quiabo, milho e feijão, etc.

As festas promovidas no Povoado são : Festa do Rosário e São Cristóvão. Atualmente não existem grupos folclóricos no Povoado, porém já existiram Pastorinhas, Catopê e Folia de Reis. Os Povoados vizinhos são: Baú, Guará, Perobas e Bebedouro.

HISTÓRICOS DOS POVOADOS DE PATRIMÔNIO/SOUZA

Data da Entrevista: 13/05/2004
Entrevistado: **Syneas Martins Campelo**
Entrevistadora: Ana Maria Batista

A ocupação da localidade de Patrimônio/Souza- Jequitibá, começou a partir do ano de 1743, quando o Padre Jorge Martins de Oliveira, irmão do Padre Corvêlo, recebeu das mãos do Rei ou do Presidente da Província de Minas Gerais a Carta de Sesmaria denominada Espirito Santo que compreendia toda extensão de terras do rumo da Barra do Ribeirão Jequitibá rumo ao leste até encontrar a Fazenda do Rótulo, e rio abaixo

até encontrar as terras pertencentes ao hoje denominado município de Santana de Pirapama.

Acontece que em 1749 o Padre Jorge faleceu com testamento deixando tudo que possuía para sua própria alma. Mas aconteceu que em 1758 Antonio Marques Guimarães Português, requere novamente a Sesmaria do Espirito Santo com menos extensão de terras, partindo do córrego do Patrimônio ao Espirito Santo com toda suas vertentes até o Rio das Velhas e por este acima até a Barra do Ribeirão Jequitibá, onde hoje é a sede da Fazenda do Jequitibá.

Em 1762, Antonio Marques Guimarães casou-se com D. Maria Dorotéia da Silva, tendo deste consórcio nascido vários filhos dentre eles destaca-se : Pulquéria e João Marques que ordenou-se sacerdote. Quando em 1797 Antonio Marques Guimarães achando-se com idade avançada doou a fazenda para os filhos, com escravos, bois, casas de maquinários de farinha e demais trastes que existia na época, ficando o Padre João Marques Guimarães como administrador dos respectivos bens, tendo na administração do referido Padre sido adquiridas as fazendas denominadas : Saco do Paiol, Laranjeiras, Bom Sucesso e Pau Grande, hoje Fazenda do Salitre.

Em 1838, Padre João Marques Guimarães faleceu com testamento, sendo o seu testamenteiro o Sr. Estevão de Souza Carvalho, tendo dado para o testamenteiro em sinal de gratidão a Fazenda do Patrimônio, constando 50 alqueires de capoeirões e mato virgens. Nesta altura dos acontecimentos tenho firme convicção que foi o primeiro habitante deste lugar (sem falar nos índios que aqui haviam em abundância). Tendo vindo depois de Estevão, José de Souza Carvalho seu filho que foi casado com Maria Aniceta de Souza Fernandes que foi moradora até a morte na Fazenda do Patrimônio, onde mora hoje Daniel Gonçalves Campelo, ainda existe jaboticabeiras plantadas por eles. Foram seus filhos : José de Souza Carvalho, Joaquina de Souza Carvalho, Leonídio de Souza Carvalho, Domingos de Souza Carvalho. Os moradores do Patrimônio hoje são quase totalidade netos de José de Souza Carvalho 2o . Existe um outro capão de terras de cultura que deságua no mesmo córrego do Patrimônio que nos meados do século IX, foi propriedade de Manoel Ferreira Coelho, que era filho de Clemente Ferreira Coelho com uma índia vulgarmente conhecida como Joaninha, foram seus filhos: Manoel Ferreira Coelho, Luiz Ferreira Coelho, Joaquim Ferreira Coelho, Francisco Ferreira Coelho, Canuto Ferreira Coelho, José Ferreira Coelho, Matias Ferreira Coelho, Antonio Ferreira Coelho, Aninha, Cassimira e Maria Ferreira Coelho.(informações obtidas do Sr. Syneas Martins Campelo –morador da fazenda Montes Verdes).

HISTÓRICO DO POVOADO DE PEROBAS

Data da Entrevista: 10/05/2004
Entrevistados: **Raimundo Gomes e Anita Batista**
Entrevistadora: Rosilaine Rezende da Silva

O Povoado de Perobas foi Fundado no ano de 1850 pelas famílias Gomes Ferreira e Pereira Goulart, sendo eles os primeiros moradores. O Povoado recebeu esse nome devido a uma mata fechada existente e uma grande quantidade de madeira chamada Perobas. O surgimento desse lugarejo se deu pela chegada das famílias citadas acima, a partir do momento em que resolveram ali trabalhar, desde então foram chegando outras famílias. Hoje seus moradores tem como fonte de renda principal a agricultura e, dentre as plantações de vários produtos os que mais se destacam são: tomate, quiabo e feijão.

Com o aumento da população e suas crenças os moradores começaram a promover festas na localidade, dentre elas a Festa do Divino e Festa de Nossa Senhora do Rosário. Atualmente os grupos folclóricos existentes são: Grupo do Fim de Capina, Folia de Reis, Folia do Rosário, Folia do Divino e Folia de São Sebastião. Já existiu o grupo de Batuque e o grupo de Cantiga de Roda. A pessoa que melhor caracteriza o folclore de Perobas é o Sr. Raimundo Gomes, mais conhecido como Sr. Raimundinho Caetano.

HISTÓRICO DO POVOADO DE PINDAÍBAS

Data da Entrevista:10 /05/2004
Entrevistada: **Elza Rodrigues Ribeiro**
Entrevistadora: Mara Fernandes Normando

Em meados do século XIX (1863), foi Fundado o Povoado de Pindaíbas. Margeada pelo caudaloso Rio das Velhas a 15 quilômetros de Jequitibá, Pindaíbas já surgiu com o nome atual, recebendo o mesmo, devido ao grande número de árvores Pindaíbas que havia por ali. Quem teve esta idéia, não se sabe. Um dos fundadores do Povoado foi o Sr. Caetano Carvalho Lessa. Mais famílias são dominantes, como os Barbosa, Rodrigues, Rocha e Teixeira.

A religiosidade é própria do povo local. Possuí a comunidade duas Capelas, uma dedicada ao Santo Padroeiro que é São Sebastião e outra dedicada a Nossa Senhora

Aparecida. São mantidas as novenas, com seus cânticos dos tempos antigos. As festas tradicionais da comunidade são as realizadas em homenagem a Nossa Senhora do Rosário, sempre no mês de Julho, de Nossa Senhora Aparecida no mês de Outubro e a de São Sebastião.

Os Grupos Folclóricos existentes na comunidade são, Folia de Reis, Tear, Boi da Manta e Catopê, com extinção do Batuque.

A pessoa que melhor caracteriza o Folclore do Povoado é a Sra. Elza Rodrigues Ribeiro.

Pindaíbas tem como Povoados vizinhos, Vera Cruz e Patrimônio, sua agricultura se baseia na plantação de quiabo e abóbora.

HISTÓRICO DO POVOADO DE QUEBRA-PERNA

Data da Entrevista: 13/05/2004
Entrevistados: Raimundo Barbosa de Azevedo Hilda Pereira de Barros
Entrevistadoras: Claudiene Martins Gonçalves
Rosilene Martins Batista

A história a seguir é um relato do Sr. Raimundo Barbosa de Azevedo, o mais velho habitante da comunidade de Quebra-Perna, com 91 anos, e da Sra Hilda Pereira de Barros de 84 anos de idade.

O Sr. Raimundo conta que por volta de 1922 o seu pai comprou um terreno que fazia parte de uma Fazenda Chamada Santa Cruz. Quando a família do Sr. Raimundo chegou ao terreno tiveram muito trabalho, pois era muito mato para derrubar. Por volta de 1924 ele começou a trabalhar como guia de boi da Fazenda Santa Cruz. O animal (burro) com o qual o Sr. Raimundo trabalhava escorregou, caindo em uma grota quebrando a perna. A partir daí, surgiu um novo nome para a comunidade que se formava em volta da fazenda. Devido a este fato passou a se chamar Quebra-Perna.O Povoado foi crescendo, outras pessoas foram chegando, como é o caso da família de Dona Hilda, que chegou por volta de 1936.

Dona Hilda, também uma das moradoras mais antigas da comunidade de Quebra-Perna nos conta que ajudou a cuidar das pessoas mais velhas que restaram na Fazenda Santa Cruz. Contou que sua família já realizou grandes festas religiosas no Povoado, que hoje não acontecem mais.

A comunidade nunca teve um grupo folclórico próprio, mas era bastante visitada por grupos de outros Povoados.

Hoje em dia não há mais festas religiosas como tinha antigamente. Os moradores participam das festas que acontecem no povoado vizinho chamado Batista, que tem este nome devido o fato de ter aglomerado um grande número de pessoas com este sobrenome.

Quebra- Perna está situada a 12 quilômetros de Jequitibá e Batista a 8 quilômetros. A principal atividade econômica dos povoados é a agricultura. A Igreja fica no Povoado do Batista e o Pôsto de Saúde no Quebra-Perna. A Escola fica entre Quebra-Perna e o Batista, acontece desta forma para não favorecer somente uma comunidade.

HISTÓRICO DO POVOADO DE RAIZ

Data da Entrevista: 10/05/2004
Entrevistado: **Gilberto Martins dos Santos**
Entrevistadoras: Angela Maria da Piedade
Gláuce de Cássia Martins Rodrigues

A Comunidade de Raiz localizada a 19 quilômetros da cidade de Jequitibá-MG, foi fundada em 1824 pelas famílias de Luiz Pereira, Costas e Martins. O Sr. Luiz Pereira da Silva recebeu as terras de herança de seu pai, o Sr Jarão. Este teve vários filhos com uma escrava, dentre eles o Sr. Luiz Pereira da Silva, segundo relato do então descendente Gilberto Martins dos Santos, hoje morador da comunidade.

O Sr. Jarão foi um bandeirante que teve vários filhos com escravas da Fazenda das Perobas, e antes de morrer dividiu parte das terras entre os filhos. O filho Luiz Pereira da Silva herdou a mata ao Sudeste da Fazenda.

Antes do nome Raiz, o Povoado teve o nome de Fazenda das Perobas. O nome Raiz se deu pelo desmatamento da mata virgem da área para construção das primeiras casas, e as raízes das árvores ceifadas teimarem em reaparecer. Atualmente as principais fontes de renda do Povoado são a agricultura e a pecuária, sendo que 85% dos moradores plantam hortifrutigranjeiros como, quiabo, milho verde, pimenta malagueta, jiló, abóbora menina, tomate e feijão, e 5% criam gado de corte.

As festas promovidas no Povoado são as de São Geraldo e Junina. Nesta comunidade não há grupos folclóricos. Os Povoados vizinhos são: Ao Leste, Fazenda Sobradinho;

ao Oeste, Onça; ao Norte Povoado de Perobas e ao Sul o Povoado de Vargem Formosa.

Lenda do povoado: Conta-se que alguns escravos enterraram ouro na região para comprarem sua liberdade, porém, nunca conseguiram desenterrar o mesmo, nem se soube o local exato; desde então, diz- se que anda nas noites uma luz igual a um farol de carro, para vigiar o ouro.

HISTÓRICO DO POVOADO DE SANTO ANTÔNIO DO BAÚ

Data da Entrevista:12 /05/2004
Entrevistados: **Ilta Gomes e Antônio de Assis Pereira**
Entrevistadores: Lúcia Aparecida Saturnino de Souza
Wanderson Martins Gonçalves

Não se sabe a origem do nome do povoado. Pessoas mais velhas foram entrevistadas e relataram que nem seus avós sabiam o porquê desse nome.

As famílias mais antigas do Povoado eram, segundo o entrevistado, a família de Zé Moreira.

No Povoado a principal fonte de renda é a agricultura, com o cultivo de produtos hortifrutigranjeiros, tendo como destaque o tomate.

O Povoado conta com alguns Grupos Folclóricos como o Fim de Capina e as Pastorinhas.

Algumas Folias:

• Santos Reis
• Do Divino
• De Santo Antônio
• De São Sebastião
• Congado de Nossa Senhora do Rosário
• Batuques

Antigamente existia no Povoado, um Grupo chamado Batalhão que seguia de certa forma a mesma idéia do **"Fim de Capina".**

A pessoa que mais caracteriza o folclore do Povoado é por unanimidade, o Sr. Zé Gomes.

No Povoado, assim como em todo lugar, tem suas histórias. Na volta do córrego, como é conhecido o local, moradores juram ser assombrado, e relatam terem visto um caixão, um porco enorme, uma mulher vestida de branco e até mesmo Nossa Senhora montada em um burro.

HISTÓRICO DO POVOADO DE VARGEM BONITA

Data da Entrevista: 10/05/2004
Entrevistado:
Entrevistadora: Gláucia Cristelli Diniz

A comunidade de Vargem Bonita teve como moradores vários estrangeiros entre os principais concentravam-se italianos e alemães. Estes eram refugiados de Guerra que receberam terras do Governo Brasileiro com o intuito de mestiçar o povo brasileiro.

Vargem Bonita teve como princípio a fundação de uma capela em um lote da Colônia João Pinheiro, de propriedade do Sr. Lino Nardem, em cooperação com os Srs. Horácio Ribeiro de Mattos, José Ribeiro de Mattos, Inácio Pereira da Silva.

Os Srs. Horácio Ribeiro de Mattos e Fidelis Diniz Costa Juiz de Paz daquela época e seus dois coadjutores deliberaram, conseguindo a construção de um confortável prédio escolar, por traz da Capela, ao qual exigiram um patrimônio ou área urbana. Tendo o dono do lote se negado a isto, fizeram eles a transferência destas duas casas, iniciando o povoamento da localidade em um terreno doado pelo Sr. Idalino de Almeida Barba em que até hoje se localiza.

O nome da comunidade "Vargem Bonita" foi dado por uma comissão de moradores, circunstâncias devida à topografia do terreno, "planície" ter uma bonita Vargem.

HISTÓRICO DO POVOADO DE VARGEM FORMOSA

Data da Entrevista:12 /05/2004
Entrevistados: **Diva Falcão de Oliveira e Antônio Saturnino Lopes**
Entrevistadoras: Vanessa Machado Saturnino Souza
Mauriza da Conceição Barbosa Moreira
Claudete Machado Saturnino

O Povoado de Vargem Formosa foi Fundado a mais ou menos 150 anos, sendo seus fundadores Arlindo Pereira de Almeida, João Alves dos Reis, Tertuliano Dias Barbosa, José Dias de Carvalho, Jacó Lajes, entre outros. O Povoado foi batizado com o nome atual, por seus antigos fundadores, pelo fato, do lugar possuir uma vargem muito bonita com uma grande Lagoa.Hoje, por ocasião da seca essa Lagoa serve de campo de futebol. Por volta do ano de 1842, mais ou menos, toda a área que hoje compõe a Vargem Formosa pertencia à Igreja. Por essa época era costume os padres dividirem em quadras pequenas extensões de terras para serem povoadas por diversas famílias carentes que foram formando este pequeno povoado.

Hoje a principal fonte de renda deste povoado é a agricultura. As festas promovidas são as de São José e de São João. Não existe ali nenhum grupo folclórico nem mesmo alguma lenda, porém, existe alguém que caracteriza o folclore, na pessoa do Sr. Raimundo Barreto.

Os Povoados vizinhos de Vargem Formosa são, Povoado de Perobas, Povoado de Quebra Perna e Povoado da Onça.

HISTÓRICO DO POVOADO DE VERA CRUZ

Data da Entrevista: 13/05/2004
Entrevistado: **Zacarias de Souza Ramos**
Entrevistadora: Natalice Gonzaga Costa Nascimento

Um dos primeiros relatos da ocupação inicial e povoamento do Povoado de Calabouço, hoje Vera Cruz, região rica em mineração e solo fértil, se deu com a chegada da família Carvalho, trazendo consigo alguns escravos. Tanto nas atividades agrícolas, quanto nas de mineração, o uso da mão-de-obra escrava era fundamental. Várias famílias foram atraídas para o local, envolvidas em atividades econômicas

distintas. Estas famílias procuraram de imediato garantir a posse ou acesso à terra, conforme as leis locais. A esses primeiros movimentos de ocupação em um longo espaço de tempo, seguiram processos rotineiros de aparecimento de propriedades rústicas, os chamados “capões”.

Ao longo do tempo foi construída uma capela, (Capela Nossa Senhora da Conceição), dentro de um terreno denominado “Terreno da Santa”, onde várias famílias possadas no chamado “usu capião” (direito de posse após 5 anos), não tinham documento algum, que provasse ser dono da terra.

O nome Calabouço era devido a região ser de muitos morros e local de castigo dos escravos. Tanto que o sino de bronze da capela foi doado por um fazendeiro e o mesmo foi usado na época dos escravos como toque de amanhecer para o trabalho e de recolher para o descanso. Este sino ficava justamente em uma fazenda onde havia escravos e um calabouço, onde aprisionavam índios rebeldes e fujões.

A primeira Escola funcionava debaixo de um pé de pequi e cada aluno trazia o seu banquinho. O primeiro professor era deficiente físico, este era transportado de Pindaíbas (Povoado vizinho), até o local da Escola em uma carroça, por não haver outro meio de transporte na época.

Este professor trabalhou por muitos anos, vindo a falecer no ofício. Até então, a Escola não tinha nome específico, denominando-se Escolas Reunidas de Jequitibá.

Lá pelas décadas de 70, foi construída a nova Escola de Calabouço e foi dado o nome do primeiro professor que ficou sendo o Patrono da Escola, por prestar bons serviços à comunidade. Esta Escola hoje se denomina Escola Municipal Professor José Vicente de Paula Neves.

Hoje no Povoado há um campo de futebol, o que a maioria dos moradores priorizam como lazer e recreação em suas folgas, domingos e feriados, contando também com um time de futebol amistoso.

Com o passar do tempo os moradores fizeram uma reunião e resolveram trocar o nome do lugar, isto aconteceu no ano de 1984 na Gestão do ex Prefeito Jair Pereira Mateus. O nome “Calabouço” foi substituído por Vera Cruz, registrado em cartório. Contudo é possível afirmar que o progresso e o desenvolvimento vem aos poucos consolidando o processo de ocupação dessa região.